

Biblioteca Anarquista



A Reabilitação de Makhno

Alexandre Skirda

Alexandre Skirda
A Reabilitação de Makhno
1989

www.nestormakhno.info

Titulo Original: *The Rehabilitation of Makhno*. Tradução e Revisão por André Tunes @**Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista**. Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org

1989

Conteúdo

A responsabilidade de Trotsky na ruptura com Makhno	4
Estereótipos anti-Makhnovistas	6
O Verdadeiro Makhno	9
A Política Anti-Camponesa dos Bolcheviques	16
O Papel Desastroso de Trotsky	20
Entre os Vermelhos e os Brancos	24
Sovietes Livres: Partido Totalitário	27
Um Avanço em Direção à Verdade Histórica	29

Depois de observar cuidadosamente este longo e exaustivo estudo de Makhno, vamos repetir os pontos principais. Primeiro, que tudo o que foi dito sobre Makhno na União Soviética até agora foi fantasia ou pura mentira. Em segundo lugar, que sua verdadeira personalidade era a de um anarquista revolucionário; como tal, suas atividades começaram em 1905, culminando em 1917 e 1918.

Em terceiro lugar, que em 1919 e 1920, ele foi aliado dos Vermelhos, que sempre quebraram traiçoeiramente o acordo que havia sido concluído. Na primeira ocasião, foi Trotsky quem assumiu o papel de trair e destruir os “soviets independentes”. Na segunda ocasião, a responsabilidade recaí coletivamente sobre os bolcheviques. Finalmente, e esmagadoramente, Makhno era um partidário “fanático” dos soviets livres e autônomos, órgãos diretos dos desejos populares.

Apesar disso, agora temos uma reabilitação clara e precisa do anarquista ucraniano. Previsivelmente, este primeiro estudo é apenas um prelúdio para outras revisões analíticas da história dos anos da fundação, 1917–1921, do regime. É preciso ressaltar mais uma vez que este artigo sensacional apareceu em uma revista com milhões de leitores – um sinal de sua importância – e não em um jornal local ou em uma revista histórica confidencial. Apesar de importantes reservas e divergências em muitos pontos, devemos, no entanto, saudar este importante avanço em direção à verdade histórica.

De acordo com o decreto da **perestroika** de Gorbachev, os historiadores soviéticos iniciaram uma profunda revisão do passado histórico do regime. Até agora, eles tiveram que se limitar aos anos 1930 e ao pesadelo stalinista. A opinião pública ocidental tem sido sensível à reabilitação póstuma (juridicamente, embora não politicamente) dos principais oponentes de Stalin *dentro* do partido: Bukharin, Zinoviev, Kamenev, Radek e Trotsky, bem como dezenas de milhares de membros do partido “purgados” com tiros de revólver na nuca em 1936–1938 e “reintegrados” postumamente no seio do partido.

A própria opinião soviética foi muito mais despertada pela redescoberta da “solução final” aplicada ao campesinato – quase onze milhões de mortes por uma fome artificial e pela repressão política entre 1929 e 1934, o “holocausto do século”. Inevitavelmente, isso provocou uma demanda por pesquisas sobre as raízes do mal. Até agora, a morte de Lenin em 1924 serviu como uma encruzilhada a partir da qual tudo deu errado. Esta foi considerada uma explicação totalmente insuficiente, e devemos começar muito mais atrás, se podemos julgar por um artigo atual no influente semanário publicado sob a direção do Sindicato dos Escritores da URSS, o **Literary Gazette**, dos quais vários milhões de cópias são impressas. Sua edição de 8 de fevereiro de 1989 traz este artigo sobre “Batko Makhno ou o ‘Lobisomem’ da Guerra Civil”.

O título estranho e provocativo deve ser entendido no contexto do artigo. Makhno, apresentado até agora como um lobo, agora foi redescoberto com um rosto humano. O autor, Vassily Golovanov, traça um retrato nitidamente positivo, até elegíaco e idílico em termos de hagiografia revolucionária. Embora seja embelezado com muitos erros factuais ou biográficos, o artigo enfatiza igualmente os erros da direção do partido comunista da época tanto em relação a Makhno quanto em relação ao campesinato revolucionário em geral.

Dada a importância desta primeira reavaliação histórica, e mesmo da reabilitação, e considerando todo o lixo publicado na URSS sobre o assunto até os dias atuais, parece importante dar a conhecer aos leitores franceses, e aos leitores ocidentais em geral, o teor geral deste texto e traduzir as passagens essenciais in extenso, e segui-las com algumas análises e comentários sobre o significado desse evento.

A responsabilidade de
Trotsky na ruptura com
Makhno

Um Avanço em Direção
à Verdade Histórica

O autor acredita que “um dia os historiadores reconstruirão os detalhes dos episódios da guerra civil ligada a Makhno”. Mas todo o caso não pode ser limitado a “detalhes”. Traz à tona questões muito mais importantes, como a “degeneração” do poder popular, porque Makhno agiu, desde o início, como um anarquista convicto, adotando a posição de “autogestão”, de “soviets livres” e pela liberdade política. Ele cita aqui o caso da ocupação da cidade de Ekatarinoslav no outono de 1919, onde os makhnovistas, assim como seus próprios órgãos, permitiram a publicação sociais-revolucionários, dos sociais-revolucionários de esquerda e até dos Bolcheviques. Segundo ele, esta expressão de “poder popular” posteriormente mudou para “ditadura militar”, que, além disso, era “tanto mais desajeitado desde que os Makhnovistas não reconheceram nenhuma lei que limite o exercício do poder”, uma vez que “não consideravam nada como um exercício de poder, mas simplesmente como a execução da vontade do povo”.

Isso é absolutamente verdade, historicamente, mas se aplica mais aos bolcheviques do que aos makhnovistas! Não há nada de errado com sua observação, mas temos que acrescentar, lamentando a falta de compreensão de Golovanov, que deve ser o resultado de setenta anos de lavagem cerebral Lenin-Stalinista! A “degeneração” observada por toda a parte no exercício do chamado poder “soviético”, foi o resultado da ditadura totalitária de um partido convencido de que estava “seguindo o caminho da história”.

O autor conclui seu estudo atribuindo a situação criada pelos bolcheviques à “intoxicação” da sociedade após a violência do período da guerra civil. Esta situação consistia na “supressão quase completa das liberdades políticas revolucionárias anteriormente proclamadas, a criação de um aparato repressivo invisível, mas poderoso, a instituição de controles totais no interesse de resolver problemas econômicos, a criação de uma gigantesca máquina de Estado (quatro milhões civis servos em 1921), a marginalização de quaisquer instituições democráticas”.

A sociedade soviética foi obrigada a esquecer “por muito tempo a prioridade dos valores humanos geralmente aceitos” ... “substituindo-os pelo conceito de classe. Isso gerou toda uma camada de mutantes, pessoas que usaram a ideologia como uma justificativa para sua própria má conduta moral”. Estes foram os *mutantes* de quem “Stalin mais tarde dependeu”.

O artigo de Golovanov, embora apareça na seção de história da Gazeta, é apresentado de forma jornalística, na medida em que quase não possui referências bibliográficas. Mesmo assim, para lhe conferir estatuto oficial, garantia de seriedade e algum tipo de inegável certificação histórica, é precedido de um prefácio de N. Vasetsky, doutor em ciências históricas, aqui apresentado na íntegra:

Os editores da Literary Gazette me pediram para escrever algum tipo de prefácio a um texto dedicado a um homem que a maioria de nós conhece sob o nome de ‘Batko Makhno’. Quando esse nome é mencionado, o que aparece diante de nossos olhos é uma figura meio cômica, meio trágica que todos nós vimos em filmes que tratam desse período. Mas, apesar de tudo isso, Makhno, a esta altura, merece uma consideração mais séria. Na verdade, é muito importante ser capaz de produzir uma resposta à questão de por que movimentos como os dos makhnovistas se encontravam do outro lado das barricadas?

Este artigo revela acertadamente que isso se deveu a uma subavaliação do campesinato – aliados do proletariado não apenas na luta contra os grandes proprietários de terras russos, mas igualmente em uma sociedade recém-libertada de toda exploração. O autor do artigo vê de forma absolutamente factual que a principal causa da tragédia de Makhno foi devido à atitude anti-camponesa de Trotsky, presidente do Soviete militar revolucionário da república, e acima de tudo, em sua direção de operações. O personagem original de Makhno me parece ter sido apropriadamente captado neste artigo: os programas conflitantes que o obrigaram a lutar contra ambas as forças que enfrentou na revolução – os brancos e os vermelhos – são bem ilustrados.

Veremos até que ponto o artigo de Golovanov justifica a opinião de Vasetsky.

**Estereótipos
anti-Makhnovistas**

**Soviets Livres: Partido
Totalitário**

o comandante do Exército Vermelho nessa frente, bem como Jacovlev, representando o governo soviético ucraniano, e os Makhnovistas.

De acordo com Golovanov, este acordo tinha muitas vantagens do ponto de vista de Makhno, sustentando a autonomia de sua “região liberada” na qual Makhno “acreditava fanaticamente”. Mas, de acordo com o autor mais uma vez, isso nada mais foi do que um “estratagema político” dos Vermelhos, com o objetivo de fazer uso de Makhno na captura da Crimeia. (Há uma inexatidão aqui: o autor afirma que os Makhnovistas entraram na Crimeia seguindo as tropas do Exército Vermelho através do Estreito de Sivash, embora seja sabido que foram eles que forçaram essa passagem contra a poderosa oposição Branca). Tendo servido a este propósito “eles foram cercados e desarmados sob algum pretexto ou outro”. Para sustentar essa hipótese, Golovanov relata como, após a captura de Simferopol pelo exército makhnovista da Crimeia, em violação da oferta de autonomia, eles foram “ordenados a se dispersar e desarmar”. Os “comandantes que estavam à sua frente foram presos e fuzilados”, com exceção de Martchenko e duzentos cavaleiros que conseguiram forçar o caminho através do istmo Perekop, voltando a se juntar a Makhno. Ele, rodeado por Gulyai-Polye, e nada sabendo sobre a ordem de Frunze que provocou este “massacre” conseguiu “tanto por um milagre quanto por sua própria fúria” em escapar da “armadilha”.

A traição dos bolcheviques em sua relação com os makhnovistas já nos é bem conhecida, mas aqui é explicada em detalhes por Golovanov, pela primeira vez em uma publicação oficial. Tudo isso lança uma sombra negra sobre os líderes soviéticos da época, mas Golovanov deixa essa questão para seus leitores. De uma forma inconsequente, ele caracteriza as ações subsequentes de Makhno contra os bolcheviques como banditismo político, embora este termo, de acordo com sua própria análise, seja mais aplicável aos bolcheviques!

Makhno continuou sua luta contra os Vermelhos com “o sangue frio de um louco: sem medo nem esperança”. Ele ameaçou Poltava (uma cidade importante no norte da Ucrânia) com um destacamento de 600 cavalaria em janeiro de 1921, até que o comando de Frunze conseguiu, “desvendar a lógica, à primeira vista caótica, de sua estratégia” e atacar em uma frente ampla. Perseguido implacavelmente por três meses, ferido pela décima segunda vez, ele e um pequeno grupo escaparam pela fronteira e se refugiaram na Romênia.

Golovanov começa lembrando as circunstâncias do retorno de Makhno à sua nativa Ucrânia, então ocupada pelos exércitos austríaco e alemão, em julho de 1918, disfarçado de professor e munido de documentos falsos pelo Kremlin, que é como, três meses depois, ele foi capaz de lançar a formidável insurreição camponesa, e em 22 de setembro de 1918, disfarçado desta vez como um capitão da *Varta* (a “guarda nacional” ucraniana formada pelas forças ocupantes), interceptou um destacamento punitivo dirigido contra os camponeses. Nesta ocasião Makhno revelou sua verdadeira identidade como “o Makhno revolucionário”. Golovanov prossegue enumerando os muitos rumores e lendas que se seguiram a esta “figura, única na revolução por causa de seus aspectos obscuros e contraditórios”.

Entre elas está a história de que, quando ele foi batizado, o capô do sacerdote pegou fogo, um claro presságio de seu futuro como bandido. Outro conta como foi mandado para a prisão por matar seu próprio irmão. Ainda outro explica que, tendo enganado e roubado os camponeses de sua própria localidade nos primeiros meses da revolução de 1917, ele foi viver uma vida de luxo em um hotel particular em Moscou, embora esta última história tenha emanado das autoridades austro-alemãs na época em que Makhno estava montando uma ação partidária contra elas, Golovanov escreve que, infelizmente, são “fatos” desse tipo que até agora dominaram a visão soviética desta figura já mitológica.

Além disso, e isso pode dar ao leitor um certo prazer, Golovanov declara que “nunca houve nenhum estudo histórico sério do movimento makhnovista na URSS”. Tudo o que foi publicado até agora não passou de mentiras vazias. Isso revela, conclui Golovanov, “o preconceito e a fraqueza metodológica da escola soviética de história entre os anos 1920 e 1930, apresentando retrospectivamente a história em preto e branco”. Apenas a revisão **The war and the revolution** (*A guerra e a revolução*) que prestou atenção cuidadosa às “táticas de guerra partidária levada quase à perfeição por Makhno” encontra graça na visão de Golovanov. Ele prossegue dizendo que nenhuma outra obra viu a luz do dia na União Soviética que analise o movimento makhnovista como um fenômeno social.

É surpreendente ler tal *mea culpa* em um órgão oficial soviético, ainda mais porque Golovanov enfatiza ainda mais a questão ao declarar que os estudiosos soviéticos se contentaram em “colocar o rótulo de ‘bandido’ sobre Makhno e relegá-lo aos arquivos na esperança de que o tempo apa-

gasse da memória das gerações futuras a imagem do centro da tempestade da guerra camponesa na Ucrânia”.

O autor também cita a apresentação ambígua ou desfavorável de Makhno na literatura soviética, como a obra do poeta Bagritsky que lhe atribui traços bestiais. Alexis Tolstoy (o “conde proletário” e ex-emigrado que voltou para colocar sua caneta a serviço de Stalin) também se destacou em seu romance vencedor do Prêmio Stalin, *The Road to Calvary*, com sua representação ‘inabalável’ de Makhno que atribui a ele as palavras, “Na prisão do czar eles me balançaram, às vezes pela cabeça e às vezes pelos pés, antes de me jogarem no chão de concreto ... É assim que os líderes populares são forçados”.

Depois desses exemplares das histórias edificantes e ridículas de que se alimenta o leitor soviético, Golovanov passa a assuntos sérios e traça a biografia de Makhno, desta vez em conformidade com os principais contornos históricos já conhecidos no Ocidente, mesmo na ausência de documentação séria. (Veja abaixo).

O autor assume que o período “anti-soviético” subsequente de Makhno é mais ou menos conhecido. Na verdade, ele escreve, “muitos detalhes são omitidos”. Por exemplo, o “papel de Makhno na luta contra Deniken ainda não foi esclarecido”, embora os Makhnovistas estivessem sozinhos ao confrontá-lo após a evacuação do Exército Vermelho da Ucrânia, quando seus números aumentaram consideravelmente – de cinquenta para oitenta mil, bem como o resíduo do 2º Exército Vermelho e do Exército Vermelho da Crimeia, ao mesmo tempo que os soldados do Hetman Grigoriev, ele próprio desmascarou-se perante um congresso insurgente em 27 de julho, e fuzilado por ter traído a revolução.

Golovanov continua descrevendo a longa retirada dos Makhnovistas, seguida pelas tropas de elite brancas, até seu ponto de inflexão vitorioso em Peregonovka e seu ataque mortal na retaguarda de Denikin. Estes são “detalhes omitidos”, embora Lênin e a estrutura de poder bolchevique estivessem prontos para evacuar Moscou por causa do avanço dos brancos.

Finalmente, ele discute o encontro entre os Makhnovistas e os Vermelhos no final de 1919. Ele cita, em particular, um telegrama de Ordjonikidze ao comitê central do partido comunista, onde o compatriota e amigo de Stalin previu que “a popularização (na imprensa) do nome de Makhno, ainda hostil ao poder soviético, atrai simpatia indesejável para ele nas fileiras do Exército Vermelho”.

Quando o soviet militar revolucionário do 14º Exército Vermelho ordenou que Makhno voltasse para a frente polonesa, o soviet Makhnovista de mesmo nome recusou, já que suas fileiras foram devastadas pelo tifo, e o próprio Makhno foi uma das vítimas. Além disso, Makhno temia ser isolado de sua própria região “e preferia” ajudar “em algum lugar mais perto”. Os Makhnovistas foram, portanto, declarados “fora da lei”. Makhno desmobilizou seu exército e desapareceu.

Na primavera de 1920, os makhnovistas reorganizados, numerando de seis a oito mil, submetendo-se a uma disciplina “dura”, organizaram alguns ataques audaciosos contra as tropas vermelhas, aniquilando suas linhas de abastecimento (e seus Chekas, outro detalhe omitido). Os Vermelhos dedicaram grandes esforços para repeli-lo. Makhno tinha a vantagem de poder se mover rapidamente pela região, trocando de cavalo. (Um “detalhe” interessante aqui: os Makhnovistas trocaram três cavalos cansados por um cavalo fresco entre os camponeses). Apesar de tudo, o campesinato estava severamente determinado a continuar lutando em duas frentes, e foi por isso que um acordo foi concluído entre Frunze,

**Entre os Vermelhos e os
Branços**

O Verdadeiro Makhno

Golovanov dá um breve relato das origens de Makhno no campesinato pobre, sua infância de labuta, sua filiação aos 16 anos em um grupo anarquista de Gulyai-Polye, sua participação em ‘expropriações’ dos ricos locais em nome dos ‘famintos’, seu ataque a uma carruagem de correio, durante o qual, pessoas foram mortas, sua prisão em 1908, as acusações contra ele por quatro cúmplices “arrepentidos”, sua resistência ao interrogatório e a sentença de 20 anos em um acordo de condenado, comutada para detenção em Butyrki, a prisão política em Moscou. De passagem, Golovanov retifica a lenda de Makhno como um “professor”. Devemos corrigi-lo também: foi a pena de morte que, tendo em conta a sua juventude, foi comutada para 20 anos de reclusão, e foram suas convicções políticas que tornaram desejável mandá-lo para o Butyrki, onde estavam concentrados os três mil prisioneiros considerados os mais perigosos do país.

Arshinov¹ é considerado por Golovanov como o mentor intelectual de Makhno, embora Makhno mais tarde o tenha rejeitado, assim como ele vê Makhno vagando sem rumo por Moscou por uma semana após sua libertação em fevereiro de 1917, enquanto o anarquista ucraniano estava atrasando seu retorno, apesar do desejo urgente de fazê-lo, para melhor respirar o ar livre da Moscou revolucionária e tentar aproveitar a chance de ser útil. Golovanov pula muito rapidamente desses fatos para a conclusão de que Makhno “não gostava nem entendia a vida urbana”. É muito mais provável que ele entendesse muito bem a atmosfera deletéria e sectária das grandes cidades de que não gostava, em comparação com as pequenas cidades e vilas da Ucrânia. (Não devemos esquecer que naquela época Gulyai-Polye era uma cidade de quinze a vinte mil habitantes.)

Deixando isso de lado, Golovanov está correto ao escrever que seus anos na prisão transformaram Makhno em “um anarquista fanático”, algo que, paradoxalmente, não o impediu de ser eleito em Gulyai-Polye como presidente do sindicato camponês, ou para o comitê social, ou de ser o delegado dos deputados camponeses no soviet. (O próprio Makhno escreve em suas **Memórias** que isso era para evitar que esses lugares fossem

origem ... Makhno manteve-se no front, apesar da fuga da 9ª divisão vizinha, seguida de todo o 13º exército ... As razões da derrota na frente sul não residem em nada na existência de “guerrilheiros ucranianos”, sobretudo deve ser atribuída à máquina da frente sul, por não ter mantido o seu espírito de luta e reforçado a sua disciplina revolucionária.

O inquérito termina com uma acusação: foi Trotsky e sua máquina que provocou deliberadamente o colapso da frente sul contra os brancos! Para completar a história, é necessário lembrar que Trotsky declarou na época que preferia entregar a região a Denikin e os brancos em vez de Makhno e os soviets “independentes”, porque ele pensou que seria possível eliminar o primeiro mais tarde, enquanto o segundo parecia-lhe mais perigoso e difícil de empurrar para fora do caminho. Golovanov não vai além disso, certamente por falta de informação, mas, mesmo assim, esta é a primeira vez que um jornal oficial soviético sublinhou a responsabilidade “desastrosa” do homem a quem os marinheiros de Kronstadt mais tarde chamariam de *Marechal de Campo*.

¹ Nota editorial: Na capa da primeira edição em inglês da **History of the Makhnovist Movement 1918–1921** (Freedom Press 1987, £ 5,00), os editores comentam que “Até que os arquivos russos estejam disponíveis para os historiadores, a história dos Makhnovistas de Arshinov é, sem dúvida, a obra de origem mais importante disponível”. O artigo acima indica que os arquivos estão começando a se abrir.

B. Veretelnikov, um operário da Fábrica de Putilov (em Petrogrado, natural da região). No dia 7 de junho, os Vermelhos enviaram a Makhno uma mensagem através de um trem blindado, instando-o a resistir até o fim. Em 8 de junho, Trotsky emitiu sua ordem de número 133, “Quem quer que se junte a Makhno pode esperar execução!” No dia 9 de junho, finalmente ouvindo falar de Trotsky, Makhno enviou um telegrama para ele, e também para Moscou, indicando seu desejo de deixar seu posto de comandante de brigada, “à luz da situação insuportável e absurda que foi criada”. Ele explicou, “Eu acredito no direito inalienável dos trabalhadores e camponeses de organizar seus próprios congressos para tomar suas próprias decisões, tanto em geral como em particular”.

Naquele mesmo dia, vários regimentos bolcheviques invadiram a “região libertada”, atacando e saqueando os soviets e comunas makhnovistas. No dia 11 ou 12 de junho, no trem blindado em que o estado-maior dos Makhnovistas e o de Voroshilov, comandante do 14º exército, haviam colaborado uma vez, os membros do estado-maior makhnovista foram presos e no dia 17 de junho foram acusados como traidores em Kharkov. Foi precisamente nestes dias que os jornais publicaram um comunicado “sobre a abertura do front” de Makhno, e até mesmo de seu acordo com Chkouro (general cossaco de Kuban aliado dos brancos). Assim, foi fácil atribuir a falta de sucesso militar a esta “traição”.

Em apoio a essa surpreendente denúncia de Trotsky e dos bolcheviques, Golovanov cita a opinião de Antonov-Ovseenko, mestre da tomada do Palácio de Inverno em outubro de 1917, que se tornou o comandante da frente sul antes de ser rebaixado por Trotsky por sua “indulgência” para com os guerrilheiros. Analisando, em 19 de julho de 19, as razões do insucesso militar, Antonov-Ovseenko escreveu:

Acima de tudo, os fatos testemunham que as afirmações sobre a fragilidade da região mais contaminada – que de Gulyai-Polye a Berdiansk – são infundadas ... Não é porque nós mesmos estivemos melhor organizados militarmente, mas porque essas tropas estavam defendendo diretamente seu lugar de

ocupados por representantes de partidos e organizações autoritários ou políticos).

Resumidamente, ele descreve as atividades revolucionárias de Makhno de uma forma que nunca, jamais, foi apresentada aos leitores soviéticos:

Como anarquista, partidário da revolução extrema, Makhno assumiu uma postura de transformação radical e imediata, bem antes da convocação da Assembleia Constituinte. No dia primeiro de maio de 1917, um enviado foi enviado de Gulyai-Polye para exigir a remoção do governo provisório dos seis ministros capitalistas em junho, o controle dos trabalhadores foi instalado nas fábricas de Gulyai-Polye, (Makhno propôs aos trabalhadores que disciplinassem a burguesia expropriando o banco local, mas isso eles se recusaram a fazer por medo de atrair repressão). Além do soviet dos deputados operários e camponeses, nasceu um comitê de camponeses pobres, dirigido contra os grandes latifundiários e os kulaks locais.

Em agosto, no final da marcha do general Kornilov sobre Petrogrado, Makhno organizou um comitê para a defesa da revolução que desarmou a burguesia e os latifundiários da região. No congresso regional dos soviets, o grupo anarquista de Gulyai-Polye pediu aos camponeses que ignorassem as inclinações do governo provisório e da Rada central ucraniana e propondo “a imediata apreensão das terras da igreja e dos grandes proprietários, para aí organizar comunas livres, permitindo a possibilidade de participação a estes mesmos grandes proprietários e kulaks despossuídos”. Em outubro, essa redivisão de terras foi concluída e a terra estava sendo trabalhada, apesar das ameaças de agências governamentais.

Golovanov cita as ameaças intimidatórias de um agente do governo provisório após o desarmamento da burguesia local. Makhno levantou a questão perante o comitê de defesa da revolução e “deu-lhe 20 minutos para sair de Gulyai-Polye e duas horas para sair de todo o território revolucionário”. Foi assim que esta “região soviética estrangeira” (na língua usada por Golovanov) foi capaz de viver em paz até a invasão alemã vários meses depois.

Ele segue descrevendo a viagem de Makhno a Moscou e seu encontro com Lenin, que estava interessado em seu relato das transformações agrárias em Gulyai-Polye. Lenin pediu três vezes que ele descrevesse como os camponeses haviam entendido o slogan “Todo o poder aos Soviets!”

Makhno respondeu que os soviets eleitos por eles foram inteiramente responsáveis pela trajetória dos acontecimentos políticos locais. “Nesse caso”, Lênin disse a ele, “o campesinato de sua região foi contaminado pelo anarquismo”. “O que há de tão ruim nisso?” Perguntou Makhno.

“Não é isso que eu quero dizer”, Lênin respondeu. “Pelo contrário, é motivo de alegria, pois acelera a vitória do comunismo sobre o capitalismo e seu poder”, e ele prosseguiu dizendo que considerava o anarquismo camponês uma doença passageira, curada rapidamente.

Aqui, na íntegra, está o comentário revelador de Golovanov sobre as impressões que Makhno trouxe de Moscou:

Makhno deixou Moscou com sentimentos contraditórios. Ele tinha sido um anarquista especificamente “soviético” (outros anarquistas se opunham, não apenas aos soviets, mas a todas as outras estruturas hierárquicas), mas sua concepção da revolução era fortemente distinta da dos bolcheviques, Makhno não reconhecia nenhum partido político, qualquer que fosse. Para ele, o soviete regional básico era uma organização auto-suficiente por meio da qual a vontade do povo poderia ser expressa. A hierarquia dos sovietes era um absurdo; governo proletário uma ficção perigosa, assim como Arshinov escreveu: “O Estado é corporificado por seus funcionários: eles se tornam tudo enquanto a classe trabalhadora permanece nada”.

Golovanov passa a descrever a experiência de Makhno como membro da Comissão de Inquérito da comissão revolucionária de Alexandrovsk, encarregada de examinar os casos de pessoas presas no final de 1917 (após o golpe de outubro). “Enquanto isso” comenta Golovanov, “este trabalho agrada pouco a Makhno. Mais do que isso, quando os mencheviques e social-revolucionários foram presos, Makhno decidiu abrir os portões da prisão da cidade”. Ele era

igualmente irritado com todo o rebuliço que rodeou as eleições para a Constituinte, que descreveu como um jogo de cartas entre os partidos políticos. “Não são os partidos que servem o

Voltando às palavras de Golovanov:

Na evolução das relações com Makhno, foi Trotsky quem desempenhou um papel desastroso. Sendo um inimigo da “linha suave” de coalizões com “companheiros de viagem” e tendo um poder colossal em suas mãos como presidente do soviet militar da república, Trotsky era um defensor de medidas extremas contra aqueles que eram hesitantes ou indisciplinados. Chegando à Ucrânia e sabendo que Makhno havia convocado um quarto congresso de vários soviets camponeses independentes dos bolcheviques, Trotski viu nisso um apelo aberto à rebelião. Os eventos externos mostraram que não foi Makhno que convocou o congresso, nem Trotsky que tinha decidido “acabar com esta devassidão anarcho-kulak”, foram capazes de imaginar a vasta força de tropas que Deniken estava, naquele momento, concentrando no front.

Não contente apenas em mostrar a hostilidade de Trotsky a Makhno, aos camponeses e ao seu congresso independente, Golovanov enumera as “medidas extremas” que Trotsky adotou com esses hesitantes e descontentes, e os resultados catastróficos que se seguiram.

Em 4 de junho de 1919, o 2º exército ucraniano, do qual as duas brigadas de Makhno faziam parte, foi dissolvido. No mesmo dia, o Kharkov Izvestia publicou um artigo violento de Trotsky atacando a “Makhnovtchina”. No dia 5 de junho, houve um editorial “Mais uma vez abaixo os Makhnovtchina!” Com um apelo para o uso do “Fogo Vermelho”. Naquele momento, a frente vermelha já estava sendo rechaçada, as tropas de Makhno foram sangradas e meio cercadas.

As comunicações com o próprio Makhno foram interrompidas. A ordem de Trotsky de 6 de junho sobre a liquidação dos Makhnovistas, a interdição do congresso, seus delegados denunciados perante tribunais marciais de campo, transformaram Makhno em um fora-da-lei. Os cossacos brancos dominaram a região libertada e, não muito longe de Gulyai-Polye, imobilizaram o regimento camponês formado às pressas por

O Papel Desastroso de Trotsky

povo, mas as pessoas que têm de servir os partidos. Já hoje ... já não falam de nomes, só os partidos decidem”, profetizou aos seus novos camaradas. Mas, não tendo sido apoiado por eles, ele deixou o comitê revolucionário de Alexandrovsk e voltou para Gulyai-Polye, longe das “tentações da grande política”.

De volta à sua cidade, ele participou de uma comuna criada em uma antiga propriedade rural ocupada por camponeses e trabalhadores sem-terra. Golovanov está interessado nos esforços do Soviete Gulyai-Polye para estabelecer uma troca direta com a cidade: eles enviaram farinha aos trabalhadores das fábricas de Prokhorov e Morozov com um pedido de têxteis em troca. A remessa das fábricas foi bloqueada pelos órgãos do estado soviético, já que as “autoridades o repudiaram como uma solução ‘pequena burguesa’, para o problema do abastecimento das cidades”.

Segundo o autor, o acúmulo de experiências como essa contribuiu para o aprofundamento das contradições entre o modelo proletário de socialismo e sua alternativa camponesa, que poderiam ter sido administradas com algum tipo de compromisso, uma espécie de versão avançada da Nova Política Econômica. A invasão alemã não permitiu que ninguém visse como essa contradição poderia ter sido resolvida.

O autor chega assim à questão que lhe parece essencial: “Por que Makhno se separou dos bolcheviques? Para esta pergunta absurda não há uma resposta simples, já que houve um tempo em que sua aliança com os Vermelhos não era apenas declarada abertamente, mas parecia ser durável”. De acordo com Golovanov, Makhno voltou de Moscou em julho de 1918 extremamente desencantado com os grupos de seus camaradas ideológicos que dormiram durante a revolução. Lev Cherny, um conhecido anarquista, tinha recebido a tarefa dos bolcheviques de manter os móveis e corredores de seu palácio, e se tornou para Makhno um símbolo do declínio do anarquismo. Embora não simpatizasse com o bolchevismo que havia “monopolizado” a revolução, Makhno entendeu que “nenhum dos partidos da oposição, incluindo os socialistas-revolucionários de esquerda, tinha líderes do calibre de Lenin” nem força suficiente para “reorganizar a direção da revolução”. Levando isso em conta, ele concluiu um acordo com os bolcheviques quando eles chegaram à Ucrânia, onde organizou um exército insurrecional e libertou a maior parte do leste da Ucrânia. Enquanto isso, eram os “detalhes” que tornavam esta aliança precária: por exemplo, o “famoso espírito partidário que era dominante

entre os insurgentes (eleição de comandantes, uma ‘autodisciplina’ não muito certa e um anarquismo não muito coerente)”.

Devemos, imediatamente, corrigir essas conclusões falsas e precipitadas. Em primeiro lugar, não era Makhno pessoalmente quem tomava as decisões por conta própria, mas a assembleia geral dos rebeldes e o soviete militar revolucionário do movimento no caso de decisões militares. As decisões políticas eram tomadas pelo conselho de trabalhadores e camponeses da região. O acordo militar alcançado com os bolcheviques não era uma “aliança política”, como Golovanov apresenta, foi realizado por razões urgentes: a falta de armas e munições. (Havia um rifle e seis cartuchos para um em cada quatro rebeldes, conseqüentemente eles tiveram que se recusar a aceitar milhares de voluntários). Este acordo não previa qualquer dependência política: a frente mantida pelos Makhnovistas se estendia por 150 quilômetros. Finalmente, aquele “famoso espírito partidário” pertencia às tradições cossacas locais: a seleção de comandantes regimentais (correspondendo aos locais de origem de grupos insurgentes específicos) à luz de sua capacidade e da confiança que inspiravam.

Além disso, o exército insurrecional dependia de sua natureza voluntária e não tinha nada em comum com o Exército Vermelho, composto de soldados que foram “mobilizados” à força e comandados por ex-oficiais czaristas em duplas com comissários políticos bolcheviques. Aí reside toda a diferença da “coerência” de Makhno e seus camaradas.

Golovanov está mais perto da verdade quando especifica como, com o acordo do comando do Exército Vermelho em março de 1919, as forças Makhnovistas mantiveram seu nome, suas bandeiras negras e seus próprios princípios de organização interna. Mesmo assim, eles tiveram que aceitar comissários políticos e foram munidos de armas (muito poucos na verdade), e foram obrigados a operar sob as diretrizes do comando do Exército Vermelho na luta contra Deniken. “Depois de quatro meses”, escreve o autor, “esse idílio chegou ao fim: de acordo com a versão geralmente aceita, Makhno abriu a frente para os brancos”.

Aqui Golovanov depende do testemunho de um ex-anarquista, Teper, que escreveu uma obra denigrativa contra Makhno (para ser mais preciso, ele pode ter um revólver nas costas) que atribuiu a responsabilidade pelo rompimento entre Makhno e os Vermelhos, aos elementos de “common law” misturados com os anarquistas, quando, depois de outubro de 1917, parecia que toda a Rússia havia se juntado a Makhno. Diz-se que eles lisonjeavam Makhno indefinidamente, chamando-o de “o segundo Baku-

mais longe no que diz respeito à responsabilidade pessoal de Trotsky, na época o principal responsável pelo Exército Vermelho.

Obviamente, tudo isso não agradava aos bolcheviques. Figuras do partido eminentes foram enviadas para visitar Makhno, entre elas Bela Kun, Antonov-Ovseenko e Lev Kamenev. Eles expressaram a ele sua insatisfação com a forma como os soviets militares revolucionários insurgentes foram “eleitos como órgão executivo do congresso local” e “não se subordinaram ao poder soviético central”.

Tendo preparado o cenário para tudo que poderia separar Makhno dos bolcheviques, Golovanov discute a responsabilidade destes últimos. Para este fim, ele cita um relatório surpreendente do comandante do 2º Exército Vermelho, Skatchco:

Pequenos chekas locais estão empreendendo uma campanha implacável contra os makhnovistas, mesmo quando eles estão derramando seu sangue no front. Eles os estão caçando pela retaguarda e os perseguindo apenas por pertencerem ao movimento Makhnovista ... Não pode continuar assim: a atividade dos Chekas locais está arruinando deliberadamente a frente, reduzindo todos os sucessos militares a nada e contribuindo para a criação de uma contrarrevolução que nem Deniken nem Krasnov (Hetman dos Cossacos do Don) poderiam ter alcançado.

Observe que esta acusação apoia tudo o que os próprios makhnovistas denunciaram na época sobre os crimes da Cheka. Golovanov não para por aí: ele conta que para Antonov-Ovseenko, comandante do front,

uma aliança frágil teria sido preferível a uma ruptura com Makhno. O seu ponto de vista justificou-se amplamente quando o Hetman Grigoriev, até então aliado dos Vermelhos, se voltou contra eles e abandonou a frente, enquanto, pelo contrário, Makhno não só deu ordens às suas tropas para retomarem essas posições, mas também publicou uma denúncia de Grigoriev, responsabilizando-o por um massacre antijudaico em Elisavetgrad.

E ele acrescenta, após esta afirmação de peso de que “Makhno ordenou que qualquer pessoa envolvida em um pogrom fosse fuzilada”. Isso contradiz a mais precisa entre todas as acusações difusas contra Makhno nos registros oficiais do regime até agora. Essa revisão da história vai ainda

nin”, e que isso virou sua cabeça, permitindo-lhe encobrir sua própria má conduta, embriaguez e pilhagem. Golovanov pensa que aqui estão as razões, nunca explicadas com precisão, por que Makhno, voltando-se contra os bolcheviques, não “voltou” aos brancos. E ele pergunta por que Makhno foi assim obrigado a lutar em duas frentes.

A Política Anti-Camponesa dos Bolcheviques

Para explicar esse súbito antagonismo, Golovanov nos lembra que o movimento Makhnovista foi essencialmente um levante camponês. Deste ponto de vista, os bolcheviques não trouxeram nada que eles já não tivessem conquistado para si em 1917. Apesar disso, os bolcheviques emitiram seu decreto de nacionalização de terras, criaram “comitês de camponeses pobres”, enviaram destacamentos de requisição forçada e tentaram fundar *Sovkhozhes* ou fazendas estatais. Os camponeses responderam cultivando toda a terra, não deixando espaço para esses *Sovkhozhes*.

A tentativa de inaugurar uma nova sociedade do ponto de vista marxista levou à necessidade de aplicar o controle do Estado a todas as esferas da atividade econômica, até a exploração dos indivíduos. Por esta razão, muitos comunistas em 1919 viam o campesinato como uma “classe burguesa”, matéria-prima dispensável à medida que o proletariado cumpria sua missão histórica. Alexandra Kollontai percebeu na época que o “campesinato pequeno-burguês era totalmente hostil aos novos princípios da economia nacional pregados pelos comunistas”.

Assim, Golovanov explica a “severidade” da política de confiscos agrários e a tendência de todos os camponeses que se opõem a eles de serem chamados de “kulaks”. Toda uma série de insurreições camponesas se seguiram em todo o país, e foi somente depois de três anos que os bolcheviques começaram finalmente a entender que deveriam levar em consideração os interesses da “classe pequeno-burguesa” dos camponeses. Acima de tudo, eles foram castigados pela Revolta de Kronstadt com seus slogans de “Soviets Livres e Liberdade de Comércio”, vindos não mais de “regimentos de camponeses mal armados, mas de unidades regulares do Exército Vermelho”.

Em consequência, Makhno sabotou as medidas agrárias do governo, não permitindo os destacamentos requisitantes na região e não permitindo a constituição de “comitês de camponeses pobres”. Três congressos de várias dezenas de distritos makhnovistas, representando a “região libertada”, foram realizados entre janeiro e abril de 1919, com a presença de bolcheviques e social-revolucionários de esquerda. Mas, nota Golovanov, havia uma esmagadora maioria de anarquistas e pessoas sem partido. Esses Congressos confirmaram a mobilização do exército insurrecional e expressaram falta de confiança no governo soviético da Ucrânia “que de forma alguma foi escolhido pelo povo”. A posição que os congressos assumiram foi de “igual exploração da terra, com base no trabalho pessoal”.